

UM ERRANTE NA LITERATURA BRASILEIRA: A TRADIÇÃO DO AHASVERUS NOS HORIZONTES NARRATIVOS DE CASTRO ALVES, MACHADO DE ASSIS E EUCLIDES DA CUNHA

Luis Fernando Ribeiro Almeida*

Judeu errante de mim mesmo...
(Aragon)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir a presença da figura lendária do Ahasverus como inspiração na criação literária de alguns escritores consagrados nacionalmente, Castro Alves, Machado de Assis e Euclides da Cunha, em três momentos distintos da Literatura Brasileira, o Romantismo, Realismo e Pré-Modernismo, respectivamente. Para a discussão proposta neste estudo, foram escolhidos três textos, a saber: Ahasverus e o Gênio, de Castro Alves; Viver!, de Machado de Assis e Judas-Ahsverus, de Euclides da Cunha. Partindo de uma perspectiva comparativa na análise do corpus literário, buscar-se-á verificar quais os pontos de aproximação entre os textos escolhidos e ao mesmo tempo reforçar a presença da figura do errante dentro da literatura brasileira, tomando como suporte teórico-conceitual estudos de Bosi (2006) e Moisés (1987). Pode-se perceber que nos respectivos textos fica latente a visão do homem em sua condição de pequenez diante do universo/natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Representação. Simbologia.

ABSTRACT: This article aims to discuss the presence of the legendary figure of Ahasverus as inspiration in the literary creation of some writers nationally recognized, Castro Alves, Machado de Assis and Euclides da Cunha, in three different moments of Brazilian Literature, Romanticism, Realism and Pre-Modernism, respectively. For the discussion proposed in this study, three texts were chosen, namely: Ahasverus and the Genius, by Castro Alves; To Live! of Machado de Assis and Judas-Ahsverus, of Euclides da Cunha. Starting from a comparative perspective in the analysis of the literary corpus, it will be sought to verify the points of approximation between the chosen texts and at the same time to reinforce the presence of the figure of the wanderer within the Brazilian literature, taking as theoretical-conceptual support studies of Bosi (2006) and Moisés (1987). One can perceive that in the respective texts the vision of man is latent in his condition of smallness before the universe / nature.

KEYWORDS: Literature. Representation. Symbolology.

Início da caminhada...

No lastro da história da literatura brasileira, muitos foram os autores que deixaram importantes escritos sobre o ser e estar no Brasil, bem como reflexões acerca de temas de caráter universal. Nesse aspecto, distintas temáticas foram utilizadas como inspiração do fazer literário: desde a descrição da fauna e flora nos escritos dos primeiros viajantes, resultado dos seus contatos/experiências com a *Nova Terra*; passando pelas dicotomias da escola barroca; do bucolismo do movimento árcade em sua *volta* para o campo/natureza; pela figura do índio, tomado como espécie de protótipo de *herói nacional*, no início do Romantismo; nos conflitos/dilemas humanos do período realista; o sincretismo temático do início do século XX

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Bolsista Prosup/Capes. E-mail: fernandoalmeida15@yahoo.com.br

e seus desdobramentos no Modernismo até os dias atuais. Nesse panorama, este estudo busca analisar a presença do *Ahasverus*, o *Judeu errante*, em três períodos da literatura nacional: Romantismo, Realismo e Pré-Modernismo, a partir de autores como Castro Alves, Machado de Assis e Euclides da Cunha, respectivamente. É relevante perceber como uma figura lendária da tradição do *Velho Mundo*¹ desembarcou em terras brasileiras, inspirando tão consagrados autores.

Buscando situar o leitor nos objetivos traçados para os debates doravante iniciados, este estudo está dividido em três partes. De início, em Nitrini (2015) busca-se debater acerca da questão da *influência*, oriundo dos estudos comparativos, ladeado pelas considerações do dialogismo bakhtiniano, discutidos por Dahlet (2005) e Carvalhal (2003), bem como no conceito de *referência* apontado por Silva (1988) em sua *Teoria da Literatura*. No segundo momento, a partir dos estudos de Grammont (2003) e D'Ormesson (1992), faz-se uma pequena análise da figura do Ahasverus, a origem da lenda e seus desdobramentos ao longo dos séculos, influenciando autores; por fim, passa-se à análise dos três textos escolhidos, apontando suas características formais e discursos subjacentes, recorrendo-se às discussões de Rosenfeld (2014), Bosi (2006), Tocantins (1978) e Hatoum (2002), assentados na metodologia de análise literária proposta por Moisés (1987; 2012), pois para o referido autor *um escrito constitui sempre um ser vivo*.

Tendo por suporte o texto literário, pretende-se com este estudo acrescentar no compêndio dos diversos personagens e tipos presentes na literatura brasileira, a figura lendária e simbólica do *Ahasverus* (Judeu errante), que a exemplo de seu destino: caminhar sem rumo, sem paragem; perceber que o texto literário é um campo de criação e recriação, espaço disponível para a construção de universos de significação.

Literatura: caminhando com bons companheiros

Compreender o texto literário como um todo formado por vocábulos que remetem ao aspecto conotativo da linguagem, que congrega imagens, símbolos, criam e recriam a realidade por meio de personagens e situações, é atribuir a essa forma peculiar de *dizer/narrar* um vasto universo de significações/interpretações. Ao buscar-se debater a presença do

¹ Expressão utilizada para designar o continente europeu.

Ahasverus na literatura brasileira, a partir de textos pertencentes a períodos literários distintos, nos estudos comparativos o conceito de influência ajuda a refletir sobre essas relações. É importante ponderar que a questão aqui não é a defesa da ideia que o *estilo*² de Castro Alves tenha influenciado Machado de Assis, ou este influenciado Euclides da Cunha. No importante estudo de Nitrini (2015), a partir das considerações de Cláudio Guillén, aponta sobre o conceito de influência nos estudos comparativos:

[...] uma influência pode, sem dúvida contribuir para uma análise crítica. As convenções e tradições descortinam amplas perspectivas mais facilmente que as influências e nos mostram configurações sincrônicas e diacrônicas da literatura, ao passo que as influências não organizam o caos dos fatos literários particulares de uma maneira tão útil. No entanto, mediante o exame intenso de contatos não mediatizados entre autor e autor, ou entre obra e obra, elas permitem o acesso, ao processo complexo da criação artística. (NITRINI, 2015, p.139)

Ao buscar analisar essa personagem, três etapas comparativas fazem-se necessárias, apontemos. O primeiro aspecto a ser considerado diz respeito aos títulos dos textos escolhidos: em dois casos, os autores já destacam essa figura lendária. O poeta dos escravos, Castro Alves, nomeia seu texto de “*Ahasverus e o Gênio*” e em Euclides da Cunha, o autor cria uma narrativa com o título “*Judas-Ahsverus*”. O segundo ponto de ligação está na escolha da forma do texto, ou seja, na materialização do discurso. Em Castro Alves apresenta-se em forma de poesia; em Machado de Assis tem-se uma narrativa em forma de diálogo, lembrando a tradicional forma dos textos platônicos; já em Euclides da Cunha, a presença do *Ahsverus* situa-se por meio do conto. O último ponto a ser destacado diz respeito a uma questão simbólica: a figura do *errante* como um ser solitário e sua pequenez diante da natureza.

Pode-se, nesse ínterim, perceber que embora remotos no tempo, há aspectos que se cruzam nesses três textos de autores representativos no cenário literário brasileiro. Entendendo o texto como um espaço de diálogo, onde se entrecruzam vozes, como apontam os estudos de Bakhtin e seus desdobramentos, o autor destaca que esses diálogos podem ocorrer entre interlocutores ou entre discursos. Tomando-se diálogo como uma forma de interação entre sujeitos, é coerente entender quando o autor defende a ideia de que o texto, enquanto criação de sujeitos em interação, também congrega diálogos fundamentando-se “na negação da

² Compreende-se por *estilo* como maneira peculiar de escrever, construção do texto em prosa ou verso.

possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz, já que só pode ser apreendido como uma propriedade de vozes que ele anuncia” (DAHLET, 2005, p.58).

Outro aspecto que se deve pontuar é que em Bakhtin tem-se, portanto o entendimento “[...] do texto literário como um ‘mosaico’, construção caleidoscópica e polifônica, estimulou a reflexão sobre a produção do texto, como ele se constrói, como absorve o que escuta” (CARVALHAL, 2003, p.48-49). Assim “o texto é sempre, sob modalidades várias, um *intercâmbio discursivo*, uma tessitura polifônica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências” (SILVA, 1988, p.625).

No caso em estudo, pode-se verificar o segundo aspecto, ou seja, o discurso da solidão, do eterno errante, dos dilemas homem x mundo, resultado de uma injúria outrora, como recorrente nos textos. A partir do método comparativo, da feita que os três textos tomam a mesma figura como um componente de suas produções, pode-se considerar que os textos em questão gravitam entorno de um mesmo referente/temática, oriunda de uma tradição que remonta o período da crucificação de Cristo. Nesse aspecto, a literatura e a ficcionalidade:

Os referentes dos textos literários – personagens como Othelo, Anna Karenina ou Sherlock Holmes, a ações como a morte de Emma Bovary, o incesto de Carlos da Maia ou o julgamento de Meursault, estados de nostalgia, a angústia, a exaltação amorosa, etc., dos falantes de poemas líricos – constituem objetos de ficção, isto é, objetos que não existem no mundo empírico, que não são factualmente verdadeiros. (SILVA, 1988, p.640)

Uma lenda, um símbolo: o Ahasverus

Ao longo dos séculos, muitos foram os personagens que pela tradição oral e escrita se tornaram verdadeiras lendas, símbolos de um povo, protótipos de um modo de vida, arquétipos de valores e crenças, representações dos dramas e vicissitudes humanas. A exemplo de Don Juan³ e Fausto⁴, a figura lendária do *Judeu Errante*, o *Ahasverus*, também vem percorrendo a história, servindo de inspiração para escritores, filósofos, pensadores, místicos, enfim, em uma personagem que, por seu caráter simbólico, acaba prefigurando-se como um arquétipo do eterno viajante. Dentre tantas versões dessa figura, tem-se:

³ Símbolo da sedução.

⁴ Retomado em textos de Goethe.

[...] o judeu teria sido sapateiro em Jerusalém na época da crucificação. Quando Jesus tentou descansar na sua porta, no caminho do Calvário, o judeu teria dito: ‘anda!’ Cristo teria respondido: ‘tu andarás também, até que eu volte.’ Até hoje o judeu estaria cumprindo esse desígnio. Outra versão, do séc. XIII, diz que um bispo armênio teria encontrado o Judeu Errante e este lhe afirmou que foi porteiro do palácio de Pilatos (portanto, treze séculos passados) e lá teria ofendido a Cristo. No seu castigo estaria incluído uma espécie de renascimento, de cem em cem anos, quando o Judeu volta à idade que tinha na ocasião: trinta anos. (GRAMMONT, 2003, p.67).

Resguardadas as narrativas dessa figura tão controversa, vale destacar o seu valor simbólico/representativo. Aliás, a questão do simbolismo do mito/lenda, ao longo dos tempos, vem atravessando a criação literária de diferentes autores. Como considera Campbell (1990) o mito ajuda a colocar a mente do leitor em contato com a experiência de estar vivo. Como exemplo tem-se a narrativa *O espelho*, de Machado de Assis (mito de Narciso); *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque (Jasão e Medeia); *A moça tecelã*, de Marina Colasanti (Penélope). Em importante trabalho Guiomar de Grammont (2003) a partir do estudo de Marie-France Rouart, aponta que:

A força trágica do mito explica sua apropriação pelo romantismo, fascinado pelo caráter errante de Ahasverus, essa lenda propõe aos escritores um arcabouço dramático apto a simbolizar a condição de todo homem em seu enfrentamento com o espaço e o tempo, esse homem que, entregue a seus demônios interiores, é capaz de transformar sua maldição em redenção [...] esse estranho personagem fala da sede de eternidade e, ao mesmo tempo, de como a impossibilidade de morrer pode ser uma maldição [...] (GRAMMONT, 2003, p.67-68).

A lenda ou mito do Ahasverus, ou o Judeu errante, vem sendo ao longo do tempo fonte de inspiração para autores, ou como tema para romances, contos, investigações filosóficas, peças de teatro. Dentre os autores que buscaram situar esse personagem simbólico na história da civilização, pode-se apontar Jean d’Ormesson, jornalista e escritor francês nascido em 1925, responsável pela obra “*A História do judeu errante*”.

Nessa obra, d’Ormesson, a partir da figura do Ahasverus, constrói uma narrativa, onde dois jovens ouvem histórias de um velho senhor que diz ter vivido muito, em virtude de ter sido condenado à imortalidade por haver recusado, no caminho do Calvário, um copo d’água a Jesus, trôpego sob o peso da cruz. *O ancião* conta sua história. Sobre o ato que teria levado à condenação desse personagem, em d’Ormesson, tem-se a seguinte passagem, onde acontece o encontro do sapateiro Ahasverus com Jesus:

Sob uma espécie de véu vermelho que lhe caía sobre os olhos e lhe fazia zumbir os

ouvidos, Ahasverus escutou o soldado – cujo rosto entretanto não era o de uma alma bondosa – perguntar-lhe se o condenado, já muito fraco, podia parar um instante a fim de repousar um pouco e beber um copo de água misturada a um pouco de vinagre, na calma e na frescura de uma lojinha do sapateiro. Isto seria, como se diz, seu último cigarro e seu último copo de rum. Num átimo, os olhos pálidos do condenado esperando a decisão, imóvel diante da loja, curvado sob a cruz que apoiava contra a terra, encontraram o de Ahasverus. (D'ORMESSON, 1992, p.54)

Este trecho reforça uma das versões da lenda: a do Ahasverus como um sapateiro. Continuando a narrativa, esse momento de encontro com Jesus que parece pedir ajuda, um cenário de esperança circunda a possível atitude do sapateiro, todavia o que se configura é o ato contrário do esperado, e a condenação de Ahasverus:

[...] Mas [Ahasverus] olhou para outra parte e lá, na multidão, distinguiu de novo, bloco sombrio de paixão e de dor mescladas, Maria Magdalena: ela puxou o véu sobre seus olhos e os soluços a sacudiram. Uma onda de raiva arreventou o sapateiro. Virou-se para o Galileu que o fitava em silêncio e, com uma raiva que ele forçou um pouco para não ceder à piedade tão tentadora e tão próxima, gritou-lhe:

— Anda! Vai logo andando!

O homem com a cruz se virou para ele e com uma voz quase inaudível lhe disse:

— Ando porque devo morrer. Tu, até minha volta, andarás sem morrer.

[...] O sapateiro enlouquecido, deitou a face contra a terra. E a piedade de Deus que nunca é medida pela piedade dos homens lhe fez perder a consciência. (D'ORMESSON, 1992, p. 54-55)

A figura do *Errante* na Literatura Brasileira

Observando a História da Literatura Brasileira desde o século XVI até os dias atuais, muitos foram os temas que serviram de inspiração para a produção de grandes escritores, desde aspectos nacionais como a figura do índio, do sertanejo, do caipira, passando por linhas amorosas, regionais, urbanas, por meio da prosa ou da poesia. Dentre tantos temas e personagens, a figura do *Ahasverus*, a ideia do homem/ser errante, ganhou vez nas letras nacionais.

Como foi exemplificado anteriormente, a história do Judeu errante tem distintas interpretações, contudo seu aspecto de eterno andarilho é preservado. Conhecendo essa lenda, alguns escritores brasileiros usaram esse personagem tão simbólico, tão carregado de mistério, como componente de suas produções. Três exemplos podem ser verificados: Castro Alves, no Romantismo; Machado de Assis, no Realismo e Euclides da Cunha, no período Pré-Moderno. Em relação ao papel da personagem na obra literária, o estudioso Anatol Rosenfeld considera:

[A] obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em faces desses valores. (ROSENFELD, 2014, p. 45)

Situada histórica e simbolicamente a figura do *Judeu errante* passemos à análise dos textos, buscando destacar o campo de significações provenientes do diálogo/cruzamento entre as composições dos autores já citados.

Castro Alves: o gênio como um solitário

Castro Alves (1847-1871), denominado de poeta dos escravos, em virtude dos seus escritos que denunciavam as crueldades e explorações pelas quais os escravos passavam no Brasil e pertencente à terceira geração da poesia romântica – *Condoreirismo*⁵ – também tomou a figura do *Ahasverus* como inspiração para a produção do seu texto. Valendo-se da poesia, o autor produziu o texto *Ahasverus e o Gênio* (1868), cuja indicação diz ser dedicado ao poeta e amigo J. Felizardo Júnior. Segundo Hegel (1994) (apud SILVA, 1988, p.582) o que forma a poesia lírica é o “sujeito individual e, por conseguinte, as situações e os objetos particulares, assim como a maneira segundo a qual a alma, com seus juízos subjetivos, as suas alegrias, as suas admirações, as suas dores e as suas sensações”. Composto por 48 versos, o poema de Castro Alves está organizado em 8 estrofes com 6 versos (sextilha) cada uma, seguindo o esquema AABCCB. Passemos à análise. Observemos as três primeiras estrofes:

Sabes quem foi Ahasverus?... – o precito,
O mísero Judeu, que tinha escrito
Na frente o selo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo embalde à *vingadora voz!*

Misérrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande...o forasteiro
Não teve onde...pousar.
Co'a mão vazia – viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe – o grão de areia,
A gota d'água rejeitou-lhe o mar.

⁵ Em referência ao condor, ave da região dos Andes. Os poetas desse movimento procuravam voltar suas composições para a denúncia de problemas sociais, a exemplo da escravidão.

D'Ásia as florestas – lhe negaram sombra
A savana sem fim – negou-lhe alfombra.
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguém lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.

(ALVES, 1997, p.86)

Analisando as três estrofes, pode-se ponderar que na primeira o eu-lírico, a partir de uma pergunta, apresenta a origem da figura lendária do Ahasverus, carregando uma espécie de maldição, que o condenaria a ser um eterno viajante. Na estrofe seguinte, outra característica dessa personagem aparece: não encontra repouso, ou seja, nunca encontraria uma paragem. Além disso, emergem elementos da natureza e acabam revelando a pequenez do homem diante do universo. Já na terceira estrofe, outra característica pesponta: a solidão. Caberia ao *Ahasverus* cumprir seu castigo sem poder compartilhar com mais ninguém. Para Bosi (2006, p.123) “os símiles de Castro Alves são quase sempre tomados aos aspectos da natureza que sugerem a impressão de *imensidade*, de *infinitude*: os espaços, os astros, o oceano, o ‘vasto sertão’, o ‘vasto universo’ [...]. Passemos para as estrofes de 4 à 6:

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde entre tantas populaças
 Beijar uma só mão...
Desde a viagem do Norte à de Sevilhas,
Desde a inglesa à crioula das Antilhas
 Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribos se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
 Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...
Ele que só pedia sobre a terra
 – Silêncio, paz e amor!

No entanto à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.
“Ele não morre”, a multidão dizia...
 – “Ai! mas nunca vivi!” –

(ALVES, 1997, p.86-87)

Fica perceptível nesses versos a relação da figura do Judeu errante com o mundo e as sociedades. Na quarta estrofe, o caráter imutável dessa personagem é nítido ao contextualizar

que teria passado por várias gerações, vivido em diferentes épocas. Na quinta estrofe, a criação dessa lenda é fonte de medo e pavor entre as pessoas, aspecto que teria ganhado repercussão na Idade Média. Na sexta estrofe, a questão da imortalidade aparece, pois de acordo com a tradição, ele devia vagar pelo mundo até a próxima vinda de Cristo. Verifiquemos as duas últimas estrofes do poema de Castro Alves:

O Gênio é como Ahasverus...solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos.
Vendo a sombra dos álamos frondosos...
E sempre a caminhar...sempre a seguir...

Pede u'a mão de amigo – dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor – e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o mísero de glória em glória corre...
Mas quando a terra diz: – “Ele não morre”
Responde o desgraçado: – “Eu não vivi!...”

(ALVES, 1997, p.87)

Nestas duas últimas estrofes, Castro Alves vale-se do recurso figurativo da comparação ao aproximar um gênio com a figura do Ahasverus, ou seja, a exemplo desse personagem, a vida do *gênio*, aquele dotado de excepcional inteligência seria, pois solitária, a caminhar sempre em busca do conhecimento. No que diz respeito à produção poética do autor “a indignação, móvel profundo de toda arte revolucionária, tende, na poesia de Castro Alves, a concretar-se em imagens grandiosas que tomam à natureza, à divindade, à história personalizada o material para metáforas e comparações” (BOSI, 2006, p.121). Outro aspecto que chama a atenção, na sexta e última estrofe, é o aspecto desolador do Ahasverus, da feita que por não morrer, acaba por ficar em estado de melancolia⁶.

Machado de Assis: diálogo entre castigados

Machado de Assis (1839-1908) é reconhecidamente o escritor de maior expressão que legou a literatura brasileira, quer seja pelas temáticas escolhidas, quer pelo estilo, “o mais alto e mais equilibrado da prosa realista” (BOSI, 2006, p.174). Assim como outros autores,

⁶ Tristeza vaga e indefinida.

também se dedicou a escrever tomando como personagem a figura lendária do Ahasverus, o homem errante. No conto *Viver!* tem-se um interessante diálogo entre a figura mitológica de Prometeu com Ahasverus, dois personagens que receberam uma punição da divindade. Como aspecto comum nas narrativas mitológicas, todo aquele que por algum motivo ofendera os deuses, deveria ser castigado, ou seja, receber uma punição. Eis alguns casos: Aracne, que por ousar ser superior à deusa Atena fora transformada em uma aranha; Sísifo, rei de Corinto, que por enganar os deuses com suas trapaças, teria sido condenado a rolar um pesado rochedo até o alto de uma montanha pela eternidade; Calisto, jovem que provocou o ciúme de Juno, que a transformou em uma urso e Actéon, que por um lance de momento teria visto a deusa Diana, sendo por ela transformado em uma espécie de cervo.

No caso da personagem Prometeu, segundo a narrativa mítica que remonta a cultura grega, teria sido o criador dos homens, fazendo-os do barro e que posteriormente teria roubado o fogo dos deuses e dado à sua criatura, sendo, portanto condenado a ficar acorrentado no alto de um penhasco, tendo todos os dias o fígado devorado por uma ave. Todavia, Hércules teria o libertado. Ahasverus como já foi mencionado em item anterior, teria sido condenado, por recusar-se a prestar um ato de caridade a Cristo, a vagar pela terra sem nunca morrer até a volta de Jesus. Em relação ao ordenamento do texto narrativo, Silva (1988) considera:

[...] caracteriza-se fundamentalmente pelo seu ‘radical de apresentação’ – um narrador, explicitamente individuado ou reduzido ao ‘grau zero’ de individualização, funciona em todos os textos narrativos como a instância enunciativa que conta uma ‘história’ – e por relatar uma sequência de eventos ficcionais, originados ou sofridos por agentes ficcionais, antropomórficos ou não, individuais ou coletivos, situando-se tais eventos e tais agentes no espaço de um mundo possível. (SILVA, 1988, p.599)

A narrativa inicia-se em um cenário apocalíptico: fim dos tempos, onde Ahasverus, o último homem, sentado sobre uma rocha contempla o horizonte, tendo por testemunhas duas aves que cruzam o céu. Nesse momento, o errante sonha. É justamente nesse certo estado de suspensão da realidade que essa personagem começa a refletir sobre toda sua vida, tendo passado de geração em geração, indicando que agora poderia enfim morrer, já que seria o último homem na face da terra. Sequioso pela morte, prefigura o descanso tão esperado, acabando com seu estado de errância. Neste momento, aparece à figura mitológica de Prometeu, este que começa interpelá-lo sobre a razão de desejar com tanta pressa à morte. Ahasverus justifica que já viveu *milheiros de anos*, viu passar gerações e gerações. Machado de Assis traz para a

narrativa a tradição do Judeu errante: após Prometeu perguntar-lhe a razão de ter vivido tanto, Ahasverus responde sobre sua origem:

AHASVERUS – Meu nome é Ahasverus: vivia em Jerusalém, ao tempo em que iam crucificar Jesus Cristo. Quando ele passou pela minha porta, afrouxou ao peso do madeiro que levava aos ombros, e eu empurrei-o, bradando-lhe que não parasse, que não descansasse, que fosse andando até à colina, onde tinha de ser crucificado... Então uma voz anunciou-me do céu que eu andaria sempre, continuamente, até o fim dos tempos. Tal é a minha culpa; não tive piedade para com aquele que ia morrer. (ASSIS, 1962, p.255-256)

No decurso da conversa entre os dois personagens, Prometeu argumenta que o errante, a despeito de reclamar de tal castigo, deveria olhar sua condição com outra perspectiva: ao contrário dos outros homens que morreram, ele teria visto toda a história do mundo, apontando que “os outros homens leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro” (ASSIS, 1962, p. 256), Ahasverus seria então um privilegiado. A ideia da errância que acompanha a tradição do Ahasverus fica mais uma vez evidente quando essa personagem explica o que teria acontecido com ele em Jerusalém após o ato impiedoso a Jesus Cristo: “andava apenas, sempre, sempre, sempre, um dia e outro dia, um ano e outro ano, e todos os anos, e todos os séculos” (ASSIS, 1962, p. 257); o que posteriormente fora sintetizado ao afirmar que toda a humanidade estaria nele.

Como um bom grego, a exemplo dos filósofos, Prometeu continua seu trabalho de argumentação, afirmando que uma nova geração de homens irá surgir, um novo tempo, um tempo eterno, sem as aflições passadas. Nesse cenário, caberia a Ahasverus servir como um elo entre o mundo novo e a tradição do mundo velho. Aponta ainda que o errante agora será rei desses novos tempos: “Sim, Ahasverus, tu serás rei. O errante pousará. O desprezado dos homens governará os homens” (ASSIS, 1962, p.263). Inebriado pelas palavras do castigado por Júpiter (Zeus na tradição grega), Ahasverus entra em certo transe, convicto agora que será o governante de uma nova nação de homens, “Rei eleito de uma raça eleita” (ASSIS, 1962, p.266). A narrativa termina:

AHASVERUS. – Não é demais resgatar o profundo desprezo em que vivi. Onde uma vida cuspiu lama, outra vida porá uma auréola. Anda, fala mais...fala mais... (*Continua sonhando. As duas águias aproximam-se*).

UMA ÁGUIA – Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida.

A OUTRA – Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito. (ASSIS, 1962, p.266)

Pode-se perceber na totalidade da composição do conto *Viver!* que “o modo pelo qual o contista Machado representa a realidade traz consigo a sutileza em relação ao não-dito, que abre para as ambiguidades, em que vários sentidos dialogam” (GOTLIB, 1999, p.78)

Euclides da Cunha: um errante entre o rio e a floresta

*Judas-Ahsverus*⁷, quinto texto da obra póstuma *À margem da história* (1909), é, sem contestação, uma das narrativas mais representativas do viés amazônico do escritor fluminense Euclides da Cunha. Resultado da passagem do autor pela região do atual estado do Acre no início do século XX, o escrito revela um Euclides da Cunha de técnica e sensibilidade mais aguçadas no trato do texto literário. A narrativa é construída em terceira pessoa e configura-se pela estrutura e organização como um conto. A respeito desse gênero literário, em Moisés (2012) encontra-se:

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente. (MOISÉS, 2012, p. 268)

Nessa narrativa, é comum encontrar referências à figura do seringueiro – este oriundo do nordeste do Brasil – que se tornou personagem central das reflexões euclidianas sobre a região amazônica. Para o escritor Milton Hatoum (2002):

[...] em “*Judas Ahsverus*” há um olhar sobre a história, a geografia, a religião e o meio socioeconômico, mas sem a intromissão de um narrador que pretenda enquadrar numa hierarquia de valores os seres de quem fala. Por tudo isso, e também pela construção da narrativa, com ênfase na vida dramática dos personagens, o relato tende a ser muito mais literário e menos explicativo ou assertivo, ainda que refratário a um gênero literário específico. (HATOUM, 2002, p. 319)

De início, é importante explicitar o próprio título do conto: “*Judas-Asvero*”. Euclides da Cunha engendrou-o muito bem ao usar dois vocábulos e associá-los em um nome composto. De um lado aparece à figura do traidor de Cristo, Judas; já de outro a figura do

⁷ Dependendo da edição da obra “*À margem da história*”, tem-se o vocábulo registrado como *Ahsverus* ou *Asvero*.

Ahasverus, judeu errante que teria injuriado Cristo no momento da crucificação. Tem-se assim a prefiguração do desenrolar da narrativa: “Euclides trouxe a lenda antiga do Ahsverus para um rio da Amazônia, num dia e lugar determinados: o Sábado de Aleluia às margens do Purus.” (HATOUM, 2002, p. 322). Observa-se que o conto tem como pano de fundo a tradição da malhação de Judas no Sábado de Aleluia nos seringais do Acre e bem comum no restante do país.

Analisando o próprio nome da narrativa euclidiana já é possível encontrar um direcionamento. Na tradição judaico-cristã, “Ahsverus ou Ahasverus” era o judeu que vagava sem direção, errante, sem morada, tradição esta que tem suas raízes no tempo das Cruzadas para a Terra Santa no século XII. De acordo com a tradição oral, essa lenda tem diversas explicações, de acordo com o século e o povo. Euclides da Cunha valeu-se, assim como seus antecessores, da figura do *errante* em sua associação à vida do seringueiro. Judas-Ahsverus, segundo Tocantins (1978) é:

[...] uma das páginas clássicas da literatura brasileira. Na construção literária. No calor humano que transmite. Na interpretação original. Na denúncia que é perceptível em cada frase. Na solidariedade social. No poder de captar a realidade e transmiti-la de maneira impressionista. Na veia de realizar-se pela expressão de um estado de alma pessoal. Na extrema sensibilidade de reagir ao mundo exterior e interpretá-lo de acordo com as próprias reações da inteligência. Na criação de formas, tipos e símbolos, nos quais se entrevê realces sociais, manifestações psicológicas. (TOCANTINS, 1978, p. 161)

Logo no primeiro parágrafo, o narrador começa por situar o tempo e o espaço da trama: “No Sábado de Aleluia os seringueiros do Alto Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafogo” (CUNHA, 2000, p. 173). Alinhando-se a mais uma característica ao gênero: tempo e espaço bem delimitados “os acontecimentos narrados no conto desenrolam-se em curto lapso de tempo: já que não interessam o passado e o futuro, o conflito se passa em horas, ou dias.” (MOISÉS, 2012, p. 272).

Ressaltando mais uma vez a presença do seringueiro nos escritos amazônicos de Euclides da Cunha, ao chegar à região amazônica no final de 1904 (Manaus) e ter navegado da foz às cabeceiras do rio Purus no ano de 1905, o escritor deparou-se com a exploração do seringueiro, sendo este oriundo dos estados do nordeste – configurando-se com o mesmo sertanejo que o autor outrora encontrara em Canudos. O escritor chega ao ponto de dizer que o seringueiro trabalha para escravizar-se, sendo um preso na floresta, vítima do desejo de fortuna

que o transmudou para os rincões da Amazônia. Em correspondência tem-se a figura do sertanejo em outro espaço: a região amazônica, entre o rio e a floresta, “é como se o drama humano de que ele fora testemunha no sertão da Bahia reacendesse em outra terra quase ignota do Brasil” (HATOUM, 2002, p. 325).

No primeiro momento, a narrativa descreve os hábitos e costumes do local no período da Semana Santa: “[...] durante aquela quadra fúnebre, se retraem todas as atividades - despovoando-se as ruas, paralisando-se os negócios, ermando-se os caminhos” (CUNHA, 2000, p. 173). Daí decorre o caráter descritivo do gênero conto que “desempenha papel semelhante ao da narração” (MOISÉS, 2012, p. 284). Nesses primeiros parágrafos, o narrador revela um seringueiro que se vê como desprovido de toda e qualquer assistência, tornando-se resignado à sua dura rotina de trabalho, envolvido por um discurso distópico e privado da liberdade – manietado. Nessa totalidade do conto no que diz respeito ao seu caráter ficcional “[...] é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar”. (ROSENFELD, 2014, p. 45). Importante perceber a relação do espaço no texto euclidiano. Sobre esse componente do texto narrativo, alude-se que:

[...] indispensável elemento estrutural do mundo narrado, um *espaço* – um espaço físico e social que, ou marcadamente realista, ou predominantemente fantástico, constitui o *ubi* em que se situam os agentes e em que se processa a sequência de eventos e que mantém com os eventos e os agentes uma relação funcional e semântica (ideológica, simbólica, mítica) necessária e, em muitos textos, extremamente relevante. (SILVA, 1988, p.602)

Nesse único dia, o Sábado de Aleluia, os seringueiros, mesmo que por alguns instantes, fazem o caminho inverso: tornam-se o opressor e o “boneco” do Judas torna-se o oprimido: “Ora, para isso, a Igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis” (CUNHA, 2000, p. 175). Tem-se assim no texto euclidiano o seringueiro como um personagem responsável por um ato criador: a confecção do boneco do Judas. Anatol Rosenfeld em estudo sobre o papel da personagem na obra de ficção pondera que “passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos”. (ROSENFELD, 2014, p. 45). Nesse cenário inóspito:

[...] o sertanejo-seringueiro já não é mais um homem “que se deixa facilmente arrebatado pelas superstições mais absurdas”. Não há, na visão do narrador, um julgamento sobre a religião ou qualquer tipo de crença ou superstição do seringueiro. Ao contrário, o ritual religioso é narrado como um movimento de descenso, sempre para baixo, guiado por uma visão sombria e pessimista de seres que não encontram redenção na fé, tampouco recorrem à reza, à pertinência ou à queixa. (HATOUM, 2002, p. 326)

A partir desse momento, entra-se na segunda parte da narrativa, reveladora de uma beleza de composição poética na prosa euclidiana: é o momento da confecção do Judas, da criação do mostro que se revelará mais tarde como a representação do próprio seringueiro, construindo a máxima da autopunição, de vingar-se de si mesmo. Em passagens singulares, o narrador destaca a destreza e o cuidado do seringueiro em ornar o “boneco”: “[...] retoca-lhe uma pálpebra; aviva um ríctus expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços” (CUNHA, 2000, p. 176). O zelo é tão grande com a constituição do “manequim” que em dado momento os filhos do seringueiro espantam-se ao verem a figura do pai retratada naquele mostro.

Após a construção do Judas, que agora se configurou em sua própria imagem, o seringueiro, não vê digno que esse boneco fique restrito ao terreiro, ao seu espaço. Agora, deve dar encaminhamento ao mesmo. Procura arrumá-lo em uma jangada e lança-o rio abaixo, agora o Judas errante, a exemplo da figura lendária do Ahasverus descerá o rio, passando a ser alvo das gentes da terra. O narrador aponta que esse boneco sofre apedrejamentos, balas de rifles, injúrias. Inicia aqui a terceira parte. O caminho de torturas e sofrimentos, sem destino certo, a feição da vida do seringueiro parece ganhar forma naquele Judas, agora alvo: “[...] desafiando maldições e risadas, lá se vai à lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios” (CUNHA, 2000, p. 177). Interessante perceber como essa figura é insultada: “[...] Caminha, desgraçado!”. Esse certo imperativo ruidoso revela toda a revolta do seringueiro que agora encontrara o alvo para descarregar toda sua frustração.

Na quarta e última parte, a narrativa caminha para seu desfecho, o boneco-judas vai descendo o rio, agora encontra outros que, como ele, foram também feitos e lançados no rio para sofrerem os castigos. É interessante perceber que os bonecos parecem sofrer uma espécie de personificação, pois passam a ter ações típicas do ser humano “[...] ora muito rijos, amarrados aos postes que os sustentam, ora em desengonços, desequilibrando-se aos menores balanços, atrapalhadamente, como ébrios” (CUNHA, 2000, p. 178). Em dada parte da narrativa,

o narrador sugere que esses “seres” parecem que realizam um conciliábulo, uma assembleia secreta de intenções malévolas, para depois continuam a descer rio abaixo, sem paradeiro, sem uma paragem, configurando-se assim a maldição do judeu errante.

Considerações

Reconhecer o fazer literário como uma experiência simbólica carregada de uma linguagem figurativa, entrecruzada por imagens e discursos encarnados na prosa ou na poesia é lidar também com a criação de tipos, de resgatar lendas, mitos, dando-lhes uma funcionalidade. Nesse aspecto, a figura do Ahasverus, o Judeu Errante, também serviu de inspiração para a criação de diferentes autores, em momentos distintos da história.

Castro Alves, Machado de Assis e Euclides da Cunha, ao trazerem para o campo literário tal figura, reforçam a ideia que a lenda, assim como o mito sempre podem ser atualizados, pois são verdadeiros símbolos, representam e marcam determinado discurso. Enfim, pode-se ponderar que o Ahasverus é o arquétipo do eterno viajante, do homem sem paragem, o ser que é transpassado e transpassa eras, civilizações, aquele que viu tudo, vítima de sua outrora impiedade.

Referências

ALVES, Castro. Ahasverus e o Gênio. In: **Obra completa**.Org. Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. (Edição comemorativa do sesquicentenário).

ASSIS, Machado de. Viver! In: **Várias histórias (Obras completas de Machado de Assis)**. São Paulo: Editora Mérito S.A, 1962.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2003.

CUNHA, Euclides da. Judas-Asvero. In: _____. **Um paraíso perdido**: reunião de ensaios amazônicos. Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção Brasil 500 anos). pág.173-179.

D'ORMESSON, Jean. **A História do judeu errante**. Trad. Vera Mourão. São Paulo: Siciliano, 1992.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do Conto**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GRAMMONT, Guiomar de. **Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Catedral das Letras, 2003.

HATOUM, Milton. Expatriados em sua própria pátria. In: **Cadernos de Literatura Brasileira**. nº 13-14. Instituto Moreira César Salles, 2002.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. **A criação literária**. Ed. ver. e atual. São Paulo: Cultrix, 2012.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica**. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio [et al]. **A personagem de ficção**. 13.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8.ed. vol. I. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.

Recebido em setembro de 2017

Publicado em dezembro de 2017